



Evento: XXVII Jornada de Pesquisa

AS RELAÇÕES DE GÊNERO MATRIMONIAIS E O “AMOR LÍQUIDO”¹

GENDER RELATIONS IN MARRIAGE AND “LIQUID LOVE

Ana Laura Arnhold², Joice Andressa Fritz Drefs³, Cauana Peyrot Conceição⁴, Maria Simone Vione Schwengber⁵, Sidinei Pithan da Silva⁶

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina “Emancipação e diferença” do curso de Educação nas Ciências da UNIJUÍ – PPGEC.

² Bolsista CAPES, Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

³ Bolsista CAPES, Mestranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

⁴ Bolsista CAPES, Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

⁵ Prof.^a. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – PPGEC (UNIJUÍ).

⁶ Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – PPGEC (UNIJUÍ).

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica sobre as relações de gênero e o amor líquido. Objetivou-se compreender brevemente de que forma a liquidez moderna afeta as relações humanas. Foi possível identificar que as relações humanas mudaram e têm mudado, principalmente no contexto da “modernidade líquida”, tendo apresentado características de volatilidade e efemeridade. Com as relações ficando mais curtas e rasas, há também problemas relacionados à solidão, frustração e desilusões. Apesar de haver a preocupação legítima sobre os rumos que as relações têm tomado, percebe-se que essa brevidade das relações, sobretudo matrimoniais, pode contribuir no término de relações abusivas que, de acordo com os preceitos do matrimônio, deveriam ser sustentadas, sobretudo pelas mulheres, apesar dos problemas e violências conjugais.

Palavras-chave: Casamento. Feminismo. Mulheres.

ABSTRACT

This paper is a result of a literature review about gender relations and liquid love. It was aimed at attracting in what way a modern company like relationships. It was identified that the relationships in the context and the possible and modern characteristics can reduce volatility, having presented volatility. With relationships getting shorter and shallower, there are also issues related to loneliness and heartbreak. Although there are natural concerns about the rumors that have occurred, it is believed that this brevity of mainly marital relationships can contribute to the end of abusive relationships, that according to the precepts of marriage, relationships are sustained, mainly by women's relationships, despite the marital problems and violence.

Keywords: Marriage. Feminism. Women.



INTRODUÇÃO

As características líquidas da sociedade moderna tendem a afetar as relações humanas e os processos de subjetivação dos indivíduos. Sabe-se que, a partir de Foucault (2005), que os sujeitos são produzidos a partir de relações de saber-poder que, para Butler (2018), afetam as relações de gênero.

Tais relações são abordadas também por Bauman (2004), ao tratar do conceito de amor líquido a partir da ótica da modernidade e seu impacto nas interações humanas. O autor objetiva apresentar um panorama geral acerca do amor e da sexualidade em tempos líquidos, focando principalmente nos problemas gerados, tais como: a solidão, frustração e o consumo exacerbado.

Apesar de Bauman (2004) assinalar também os determinantes de gênero e de sexualidades, as reflexões são feitas de forma breve e, por isso, optou-se por discorrer acerca das condições do amor líquido, compreendendo de que forma afetam as relações de gênero, sobretudo, as mulheres.

As relações de poder permeiam os problemas de gênero e há uma relação institucionalizada acerca das sexualidades como sendo heteronormativa, do homem viril com direito ao sexo que, por intermédio da domesticação dos prazeres e dos corpos, é reflexo de uma maior dominação masculina. A repressão sexual da mulher é histórica, e se dá, sobretudo, no contexto do matrimônio, e que apesar das constantes mudanças, ainda vivemos em uma sociedade patriarcal que reduz a mulher ao próprio sexo de modo a ser temido, menosprezado e configurado como tabu, autorizado apenas ao amor romântico e monogâmico previsto na seguridade do casamento.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma breve revisão bibliográfica, utilizando Bauman (2004) para subsidiar o conceito de amor líquido, e Perrot (2019) para compreender as relações de poder que permeiam os problemas de gênero, principalmente nas questões sexuais, e outros autores que corroboram tais articulações.

RELACIONAMENTOS E A LIQUIDEZ MODERNA



Para Bauman (2004) os processos do relacionamento humano têm se moldado a partir da modernidade. Adquiriram ao longo do tempo características efêmeras, que o autor simbolicamente conceitua como líquidas. Essa liquidez expressa nos relacionamentos, é reflexo dos processos identificados na modernidade líquida (BAUMAN, 2001), em que os acontecimentos e as relações costumam ter um prazo de validade cada vez mais curto.

Nesse sentido, Bauman (2004) reflete sobre os problemas gerados por relacionamentos líquidos, tais como a solidão, a falta de responsabilidade afetiva e a banalização das relações amorosas e do sexo.

Ao vincular a liquidez da modernidade aos processos relativos ao amor, Bauman (2004) sugere que os relacionamentos também possam ser caracterizados como atos de consumo, como o emocional e o sexual. “O amor é uma das respostas paliativas a essa benção/maldição da individualidade humana, que tem como um de seus muitos atributos a solidão que a condição de separação traz consigo.” (BAUMAN, 2004, p. 32).

Nesse caso, o autor se refere ao amor como sendo um produto a ser consumido, para estancar determinadas lacunas abertas pela condição solitária do ser humano moderno, em que “As pessoas procuram parceiros e buscam “envolver-se em relacionamentos” a fim de escapar à aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes.” (BAUMAN, 2004, p 41).

Na condição da modernidade líquida, os sujeitos se encontram em um processo constante de aceleração, principalmente no que diz respeito à utilização de redes sociais, smartphones e ferramentas digitais de modo geral. Tais ferramentas têm revolucionado a forma como os seres humanos se relacionam entre si. Nesse sentido, Kenway (1998) destaca que a utilização das ferramentas digitais que se conectam pela internet moderniza as relações humanas, através da possibilidade de construir novas formas de se relacionar amorosamente, desconsiderando as dimensões de espaço e tempo.

Bauman (2004) ainda afirma que a relação sexual abriga questões importantes como a repressão e desigualdade, apesar de também possibilitar liberdade, felicidade e transgressão. Embasado em Perrot (2019), a liberdade sexual foi - e ainda é - negada às mulheres, sendo compelida a elas a função reprodutiva e de prazer ao marido. Para a autora, as diferenças sexuais entre homens e mulheres ainda é um fator de poder, mesmo já havendo novas percepções acerca



da sexualidade da mulher, e da sexualidade de modo geral, como assinalado também por Bauman (2004).

Nesse sentido, Louro (2000) destaca a opressão ao evocar as lembranças da sua juventude, em relação ao tema da sexualidade. Para ela, as mulheres não discutiam o tema livremente, pois não era aceito, sendo um assunto a ser tratado e experimentado com o parceiro do sexo oposto durante a vida adulta. De certa forma, a temática era negada pelos meios livres de discussão, sendo somente explorada pelas mulheres em conversas íntimas com amigas de confiança.

Parker (2000) e Louro (2000), sugerem pensar que a sexualidade é construída pelos sujeitos através dos sentidos individuais variados, em que dependem “do contexto cultural nos quais eles ocorrem” (p. 91), em que a esfera biológica não é determinante, mas sim, a esfera social através do coletivo de sujeitos que possuem variadas culturas sexuais. Ainda, a sexualidade é regulada através dos vários discursos “que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” sobre o sexo (p. 6). Uma das “verdades” destacadas por Louro (2000), é o corpo da mulher, visto de forma erotizada e objetificada. Mas ao mesmo tempo, esse mesmo objeto erótico precisa ser puro e controlado socialmente.

Para Perrot (2019), a sexualidade marca muito mais as mulheres do que homens ao longo da vida, já que, de algum modo, as mulheres são reduzidas ao sexo.

O macho é macho apenas em certos momentos, a fêmea é mulher ao longo de sua vida ou, pelo menos, ao longo de toda a sua juventude; tudo a liga constantemente a seu sexo, e, para o bom cumprimento de suas funções, é-lhe necessário ter uma constituição que o propicie: cuidados, repouso, “vida sedentária” (PERROT, p. 64).

Nesse caso, a autora se refere a uma centralização da sexualidade feminina, ao mesmo tempo que se constitui como tabu e pudor, ou seja, mesmo a mulher sendo reduzida ao seu próprio sexo, sua sexualidade é suprimida para que seja exercida apenas de modo conjugal. A mulher “[...] precisa da proteção da família, da sombra da casa, da paz do lar. A mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função na família e seu lugar na sociedade.” (PERROT, p. 64)

Com o pudor e a opressão em relação à sexualidade da mulher, ocorre maior valorização das mulheres sexualmente reservadas e contidas, classificando-as como mulheres aptas a se casar, o que fortalece a cultura de que “A virgindade no casamento é seu capital mais precioso”



(PERROT, p. 64). Perceber a virgindade como um capital remete às colocações de Bauman (2004) acerca do sexo como um produto de consumo, principalmente na modernidade líquida. Atualmente, com o progresso da liberdade sexual feminina, a virgindade deixou de ser uma exigência, apesar do corpo da mulher continuar sendo, de algum modo, um produto de consumo. É claro que tais problemáticas não se restringem apenas às mulheres, já que as questões trazidas por Bauman (2004) sobre o amor líquido afetam os sujeitos de modo geral devido à configuração atual da sociedade, pautada pela urgência do prazer instantâneo.

Para Perrot (2019), a sexualidade da mulher atemoriza, por isso a única sexualidade permitida, ou melhor, exigida, é a conjugal, possibilitada pela graça do casamento. Espera-se, portanto, que as mulheres suportem o peso de um matrimônio sólido, como dito também por Bauman (2004):

Os problemas não terminam quando os casais passam a viver juntos. Os quartos compartilhados podem ser um local de alegria e diversão, mas raramente de segurança e sossego. Alguns deles são palcos de dramas cruéis, cheios de escaramuças verbais que resultam em brigas aos socos (se o casal não se separa antes). (p. 41)

Nesse caso, o autor cita a violência doméstica como um processo que infelizmente ocorre com frequência, e que de acordo com Safiotti (2015), afeta majoritariamente as mulheres. Sabe-se que a violência de gênero ocorre de forma mais pungente em sistemas patriarcais (SAFIOTTI, 2015), e que acompanha a humanidade muito antes da Era moderna. Com os progressos sociais e culturais acerca da sexualidade, sobretudo das mulheres, as violências passaram a ocorrer de outras formas.

Mesmo em um contexto moderno, a violência contra a mulher ainda se constitui em precedentes de sexualidade, raça e classe social. Para Safiotti (2015, p. 18)

o entendimento popular da violência apoia-se num conceito, durante muito tempo, e ainda hoje, aceito como verdadeiro e único. Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.

A autora (2015) elabora percepções mais amplas sobre o que configura a violência histórica sofrida pelas mulheres, assinalando as violências que são institucionalizadas e culturalmente legitimadas, sendo a repressão sexual uma delas. Como já dito, a repressão sexual



sofrida pelas mulheres está intimamente relacionada às expectativas acerca das relações conjugais.

Nesse sentido, há de perceber que a liquidez moderna não é de todo ruim considerando que, de algum modo, confere maiores possibilidades de rompimento de relações abusivas que, em determinados contextos, deveriam ser mantidas a todo custo em prol de uma suposta solidez matrimonial. Para os dogmas bíblicos, “A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua.” (Pr, 14, 1), indicando que, historicamente, a mulher é designada como a principal responsável pela solidez da relação no matrimônio. Uma relação sólida, ou seja, mais duradoura, é o desejável para que um casal possa constituir uma família e uma vida juntos, até que a morte os separe. A separação antes disso não é o ideal, já que os votos do matrimônio não só foram quebrados, mas houve também o fracasso substancialmente feminino em conservar uma relação sólida e edificada.

Ao contrário da relação duradoura, o conceito de amor líquido confere a percepção de que as relações estabelecidas no contexto da modernidade são mais curtas, esquecíveis e voláteis.

É correto, talvez até estimulante e ao mesmo tempo maravilhoso, que o sexo seja assim liberado. O problema é como mantê-lo no lugar quando o lastro foi lançado ao mar; como mantê-lo na forma se não se dispõe mais das estruturas. Voar suavemente traz contentamento, voar sem direção provoca estresse. A mudança é jubilosa; a volatilidade, incômoda. A insustentável leveza do sexo? (BAUMAN, 2004)

Bauman (2004) concorda que a fragilidade e efemeridade das relações humanas se dá principalmente partir da banalização do sexo e da falta de responsabilidade afetiva que as relações instantâneas geram. O autor também trata da preocupação acerca dos rótulos dados aos tipos de relações pois, de algum modo, parece haver uma preocupação intrínseca do ser humano em avaliar e rotular as relações mesmo estas sendo de curta duração e sem aparentes laços afetivos.

Qualificar os parceiros sexuais tornou-se o primeiro foco de ansiedade. Que tipo de compromissos, se é que algum, a união de corpos impõe? De que forma eles afetam o futuro dos parceiros, se é que afetam? O encontro sexual pode ser isolado dos demais propósitos da vida, ou será que ele vai (tender a, ganhar espaço para) esparramar-se pelo resto da existência, saturando-a e transformando-a? (BAUMAN, 2004, p. 71).

Portanto, Bauman (2004) insiste que as relações amorosas têm apresentado mudanças que acompanham os processos sociais e culturais da modernidade líquida. O autor já identificava tais mudanças há muitos anos atrás, que ainda são pertinentes e atuais em 2022,



principalmente em um contexto de superação da pandemia de Covid-19. Com o fortalecimento das mídias digitais e redes sociais, percebe-se que, possivelmente haverá novas percepções sobre de que forma os determinantes de gênero podem afetar as relações humanas no contexto da modernidade líquida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Bauman (2004) acerca do amor líquido claramente vai além das considerações de gênero e de sexualidade da mulher, apesar de o autor citar em alguns momentos a importância do movimento de libertação sexual, principalmente para mulheres.

O autor busca refletir sobre os impactos da modernidade líquida nas relações amorosas, identificando fatores como a solidão, frustração, desilusões, e performance sexual acima da felicidade que a união do sexo pode proporcionar.

Apesar de entender que são preocupações plausíveis, é importante atentar para os benefícios que acompanham as reformulações das relações humanas, como é o caso do matrimônio e dos deveres conjugais que, historicamente, recaíam - e ainda recaem - sobre as mulheres. Ao “afrouxar” a rigidez conservadora do casamento a partir de reformulações sociais e culturais, tem sido possibilitado a ruptura de relações abusivas e violentas que frequentemente afetam as mulheres graças à legitimação de um sistema patriarcal que congratula a solidez do matrimônio e da longevidade das relações conjugais.

AGRADECIMENTOS

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. (FAPERGS).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Zahar, Rio de Janeiro. 278 p., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Editora Zahar, Rio de Janeiro. 191 p., 2004.



BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Online**. 2009-2022. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/proverbios_14/>.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. In: **Microfísica do poder**. 2005

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, p. 99-120, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2000.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, v. 2, p. 89-104, 2000

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª edição, São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 160 p. 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª edição, 6ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 190 p. 2019.